

05

A virilidade e a masculinidade sempre estiveram em crise

Virility and masculinity have
always been in crisis

João Batista da Silva Junior

Doutorando em Sociologia (UFRJ) e em Ciências Sociais (UFES)

Mestre em Antropologia Social (UFRJ)

E-mail: jbatista0803@ufrj.br





Resumo

Este trabalho é fruto de inquietações que trago comigo ao longo dos anos. Os dados são um recorte, produto de uma pesquisa mais ampla que tem os *Cruisings Bars* como campo de estudos sobre as homossexualidades, masculinidades, e assuntos correlatos. Intercruzando nosso desenvolvimento teórico, propomos com os dados de campo e a bibliografia especializada uma análise crítica da ideia de uma recente “crise na masculinidade” ou “crise da masculinidade”. Assim como outros autores, acreditamos que a “crise”, a impermanência e dessimetrias¹ são partes do próprio “se fazer homem”. Questionamos a ideia de que os padrões de gênero são ancorados, sobretudo, na heterossexualidade. Explanamos como a homossexualidade é importante fator para uma compreensão maior dos homens e da masculinidade, vista como um universo, um sistema e um dispositivo.

Palavras-chave: Crise. *Cruising*. Gênero. Homens. Homossexualidade. Masculinidades.

Abstract

This work is the result of concerns that I have carried with me over the years. The data is a sample, the product

1 “Substantivo feminino. Semelhantes: assimetria, desarmonia, desconformidade, desequilíbrio, desigualdade, desproporção, desunidade, diferença discordância, discrepância, disparidade” (Dessimetria, 2024).

of a broader research that uses Cruising Bars as a field of study on homosexuality, masculinity, and related issues. Intertwining our theoretical development, we propose with field data and specialized bibliography a critical analysis of the idea of a recent “crisis in masculinity” or “crisis of masculinity”. Like other authors, we believe that the “crisis”, impermanence and asymmetries are part of “becoming a man”. We question the idea that gender standards are anchored, above all, in heterosexuality. We explain how homosexuality is an important factor for a greater understanding of men and masculinity, seen as a universe, a system and a device.

Keywords: Crisis. Cruising. Gender. Homosexuality. Gender. Masculinities. Men.

1. Uma chamada na hora certa

Este trabalho inicialmente tinha como alvo fazer parte de um dossiê, sobre questões ligadas à masculinidade e à ideia comum de uma “crise da masculinidade”. Tal proposta havia casado perfeitamente com as inquietações teóricas e analíticas pessoais, provocadas por uma percepção evidente de que muitas das mudanças relacionadas a gênero e à sexualidade, ocorridas nos séculos XX e XXI, foram estruturais na sociedade ocidental. Contudo, por

uma questão temporal, ele acabou por ser publicado fora de tal dossiê (o qual recomendo a leitura) mas ainda assim aceito, por esse periódico para publicação – ao qual sou muito grato.

Este artigo se torna, portanto, uma forma de amalgamar posições intelectuais, questionamentos ainda sem resposta e apresentar alguns resultados, tanto da pesquisa exploratória, já feita, quanto os resultados preliminares da pesquisa de campo em estado avançado. Tomando como ponto de análise empírica a pesquisa que venho desenvolvendo sobre e com os *Cruising Bars* e seus frequentadores nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, tais inquietações ganharam força à medida que observava que muito da bibliografia especializada apresentava e traçava cenários sociais sobre homens que fazem sexo com homens, a comunidade *gay* e demandas dessa população que já não fazem tanto sentido. Assim, notei a urgência de que surjam trabalhos que, respeitando os fundamentais estudos passados, tragam a luz novas perspectivas, com base nos movimentos e deslocamentos que sexo, sexualidade, homossexualidade e masculinidade sofreram nos últimos anos.

Muitas das falas que surgem de interlocutores são frases que se podem ouvir em qualquer outro contexto frequentado por homens. Qual seria o diferencial, então, do *Cruising Bar* nesse processo? Essa é uma inquietação

importante, e sob a qual ainda não há uma resposta “fechada”, o que já posso esclarecer é que os *Cruising Bars* por serem ambientes de “pegação”, reproduzem o que mais tarde em meu trabalho venho chamando de “*Ethos da pegação*”. Um saber coletivamente compartilhado que reproduz padrões de gênero e se interpõe por meio do desejo para se “entranhar” (Duarte, 2004) num processo complexo de construção de uma masculinidade específica para levar os sujeitos a práticas sexuais. Assim, é importante afirmar que em dados momentos poderá haver uma contextualização esmiuçada desses espaços e uma análise densa sobre os processos constitutivos, mas não encontramos necessariamente “*performances de gênero*” (Butler, 2003a) disruptivos em tais lugares. Mesmo assim, não se perde o sentido de trazer o *cruising bar* para este trabalho, uma vez que mesmo sendo muitas das vezes um espaço de reificação dos padrões de masculinidades, que alguns autores chamam de “hegemônicos” (Connell, 2015), ainda assim são espaços que têm muito a nos dizer sobre essa peleja diária de “se fazer homem”, que nossos interlocutores perpetram diariamente.

Analisando o livro de Michel Bozon (2004), vemos a homossexualidade ser chamada de “sexualidade alternativa”. Ao observar alguns dos apontamentos de Butler (2003b) percebemos que algumas de suas afirmações sobre o

possível destino dos homens *gays* nunca se efetivou. Mesmo trabalhos que dizem apresentar o racismo do “inconsciente coletivo” da comunidade *gay*, tem sua intenção embotada, com uma mostra de apenas 19 homens (Soares, 2021). Abordagens, dentre as muitas outras, que não poderiam servir de embasamento teórico para nossa investigação, uma vez que estamos presenciando fenômenos bem diversos dos narrados nesses e em muitos outros trabalhos.

Assim, optei, neste artigo, por apresentar o suporte teórico oriundo do diálogo com meus pares, não como um “estado da arte” – como geralmente é feito – das pesquisas que se correlacionam com a minha. Imbrico as conclusões teóricas dos pesquisadores, no texto, concomitantemente com a inclusão e análise dos dados empíricos². Dada a limitação inerente a um artigo acadêmico, apresentamos algumas questões que certamente merecem aprofundamento, o qual está sendo feito e apresentado em trabalhos em congressos, simpósios (Silva Junior, 2024a; Silva Junior, 2024b) e mesmo na chamada “tese” de doutoramento, que culminará tal investigação.

2 Indo e voltando nas minhas conclusões e questões, tento mostrar como um determinado ponto de análise pode estar conectado com um outro, que outrora poderia ser tratado de modo separado, o que pode tornar a leitura um pouco repetitiva, no que desde já peço desculpas aos leitores e leitoras.

Do ponto de vista da pesquisa mais ampla, da qual este artigo é extrato, tal metodologia mostrou-se eficaz, à medida que fui concluindo que uma parte considerável da minha pesquisa versaria sobre o cíclico fenômeno da “pegação” entre homens” e sua relação com a masculinidade. Algo que não é objeto deste escrito em si.

Neste artigo para Revista Bagoas aglutinei os achados, construindo acepções teóricas que possam trazer novas perspectivas e ampliar o debate, sobretudo, porque notei que a homossexualidade, de modo geral, não é tratada como uma chave analítica para a compreensão dos comportamentos masculinos. No geral, sua abordagem, em especial pelos cientistas sociais heterossexuais, é tratada como um “adentro”, uma “discrepância”, ou um exemplo de “alvo” ou “vítima” dos processos de dominação masculina.

Quando abordada, a homossexualidade é analisada à parte, como algo fora do universo mais amplo dos homens, mesmo em trabalhos paradigmáticos como Bourdieu (2007), Vale de Almeida (1995) ou Bozon (2004). A ideia de uma sexualidade desviante parece ter levado a uma linha de raciocínio na qual os “periféricos” estão sendo afetados pelos comportamentos dos que estão no “centro/topo” da estratificação social. Mas isso a partir de um olhar de que a homossexualidade coloca a todos na condição de

“periféricos/vítimas/subalternos”. Não é bem isso que concluímos, ainda que preliminarmente.

No caso deste artigo, daremos peso às elucbrações analíticas, resultadas do entrecruzamento das perspectivas teóricas, dos relatos dos interlocutores, das observações, da primeira mostra dos questionários analisados, conjugando com o diálogo com a bibliografia especializada. Fizemos um recorte na externalização dos recursos empíricos. Portanto, os relatos apresentados serão provenientes de três *Cruising Bars* que são campo da pesquisa. Por ser uma investigação ainda em andamento, tanto os locais, como os interlocutores, quando citados, serão tratados de modo anônimo.

Ao responder ao chamado para uma coletiva compreensão das “Permanências e Mudanças: Gênero e Sexualidade nas Últimas Décadas”, proposta pela revista científica Bagoas, apresentarei como a homossexualidade teve papel central nessas mudanças da estrutura do gênero masculino³. Também é nosso propósito elucidar como os *Cruising Bars* significam uma mudança no modo como a sociedade mais ampla tem assimilado não apenas a homossexualidade em si, mas vários aspectos das suas vivências, incluindo suas práticas sexuais.

3 É uma decisão intelectual consciente atribuir à palavra “masculino” ao termo gênero. Poderíamos também falar de “sexo masculino”, mas considero ser mais pertinente o uso do termo “gênero masculino”.

Como metodologia, adotou-se múltiplos métodos de coleta de dados, como: a observação participante; o que denominei, a partir de Barreto (2016), “observação direta”; conversas informais; entrevistas; questionários com foco quantitativo, os quais já foram aplicados, tabulados e analisados em uma mostra de 300 questionários; registros de fatos, relatos e acontecimentos memorizados e resgatados, em um “diário de campo”. As falas dos interlocutores e relatos serão apresentados ao longo do artigo, de modo não linear, ou cronológico, mas, que fazem sentido do ponto de vista interpretativo e da análise do que está sendo tratado em cada momento.

Os questionários apresentados contêm uma série de perguntas sobre as práticas e as motivações dos sujeitos que frequentam os bares. As falas utilizadas vieram de conversas e entrevistas. Aplicamos, mesmo que de modo não aprofundado a técnica de análise do discurso, já consagrada nas ciências sociais, tendo os trabalhos de Michel Foucault (1988; 2010), Michel Bozon (2006), John Gagnon (2006), como grandes expoentes desse tipo de análise dos dados empíricos.

A pegação é formada por um *ethos*, tem na *performance* de gênero masculina sua ancoragem. Esse *ethos* passa a integrar o chamado “roteiro sexual” (Gagnon, 2006) dos sujeitos. Numa ciência que atua para enfatizar o sistema

sexo/gênero (Rubin, 2017a; 2017b) e apresentá-los como categorias analíticas distintas, nosso trabalho pode parecer confundir os dois conceitos, mas isso se dá em parte pela influência empírica dos dados trazidos e, em parte, porque é algo que pretendo ampliar problematização e “entranhamento” (Duarte, 2004) em futuros textos.

2. “Crise”: um combustível que alimenta a perpetuação e mudanças

Podemos propor uma exegese da ideia de que mudanças na sociedade teriam gerado, ou estão gerando uma “crise na masculinidade” ou “crise da masculinidade” (Souza, 2003), (Grossi, 2004). Questionaremos a própria ideia de “crise”.

A masculinidade está em crise. Ela sempre esteve e sempre estará. Isso porque os códigos que lhe dão significados estão mudando. Ainda considerando o que Vale de Almeida (1996) afirma, que as próprias assimetrias são parte estruturante das ideias de masculinidade que os homens produzem sobre si próprios e sobre os outros homens. A noção de *habitus* trazida por Bourdieu (2007) não suplanta o fato de que as estruturas da sociedade mudam e com ela o papel que o homem ocupa na estratificação social.

A “crise” pode ser abordada sobre diferentes vieses e perspectivas históricas. Tomemos rapidamente quatro exemplos iniciais e contundentes: os homens da aristocracia

não se vestiam sozinhos, em suas propriedades eram autoridades máximas, diante do rei ou rainha eram subalternos, eternos devedores de clemência, sempre à procura de um lugar a mesa do poder. Um conde poderia ser “rei” em sua terra um dia, macho *Alpha* sobre sua criadagem e na corte não ter papel relevante ou mesmo perder tudo como punição por um ato errado. Paralelamente o homem da guerra era codificado na brutalidade. Servia aos propósitos do reino, mas pelos mesmos atributos que o faziam ser senhor da vida e da morte e líder de centenas, na corte, ele era indesejado, sem modos, indigno de títulos e da presença constante dos outros, considerados nobres (Drévilion, 2013), (Perez, 2013). A virilidade do combatente existe em paralelo ao do homem da corte, mas esta não é bem-vinda lá (Vigarello, 2013).

Dois homens. Dois machos. Duas expressões de masculinidade contemporâneas. Ambas entraram em crise com as mudanças nas táticas de guerra e o fim das monarquias. Um dia parâmetros de masculinidade, no outro, uma lembrança de algo que não faz mais sentido algum para outros homens.

Um segundo exemplo: durante as décadas de 60 e 70 do século XX, a comunidade de homens gays ganhou maior nível de organização. Surgem uma série de publicações que tanto respondem às demandas eróticas desses homens como ajuda moldar arquétipos e estereótipos desejáveis de

homossexualidade. Não para todos. Mas para um grupo inserido naquele repertório. Ao invés de tornarem como norte masculino os homens de alta renda, e do mundo empresarial, em franca expansão na época, a masculinidade idealizada e produzida no processo de imitação prestigiosa (Mauss, 2003) foi a dos operários, efebos, motociclistas... (Ghandour, 2008).

Podemos questionar a “crise” ainda sob mais dois vieses: uma importante dupla mudanças na ideia e nos propósitos da conjugalidade e a ideia de que tal crise é fenômeno dos nossos dias, tendo se intensificado com a “revolução sexual” abordado no terceiro viés.

Na terceira chave de análise, podemos mostrar como a ampliação dos métodos de contracepção, como a pílula, não apenas foram um marco na autonomia das mulheres sobre quando, com quem e quantos filhos teriam, se quisessem. A chamada “revolução sexual” também retirou dos homens o seu papel “obrigatoriamente” de fecundadores. Suas atividades sexuais ganham outro caráter. A “sexualidade plástica” trazida por Giddens (1993) consolida-se como uma sexualidade aceitável e que se encaixa no mundo cada vez mais individualista do ponto de vista dos sujeitos e sua relação social. A divisão do sustento da casa (heterossexual) por esposa e marido, o sexo, seja no casamento ou não, sem a sombra da fecundação, e uma ampliação da exigência de

que o prazer seja mútuo na relação sexual, traz sobre os homens uma nova “crise”. Não por acaso a ampliação do movimento pelos direitos dos homens *gays* ganha *status* político e robustez popular exatamente quando os homens se veem livres de “obrigação” de serem pais, nas décadas de 60 e 70 do século XX. Essa mudança retira quase que por completo o sexo, o coito, a atividade sexual de seu caráter de obrigatoriamente fecundar, de fazer nascer filhos e filhas.

A gente não tem filhos. Não tem esposa para cuidar. A gente tem mais liberdade né. Eu acho. Mesmo os casais *gays*, você vê. Eles vêm aqui no *Cruising Bar*. Isso já mostra que é um comportamento de casal, mas diferente daquele dos nossos pais, por exemplo.

Eu fui casado com uma mulher. Eu tenho uma filha. Mas eu fui percebendo que eu ter uma filha não necessariamente tinha haver com eu ter que ficar com a mãe dela, gostando de homens, como eu prefiro. Entende? Pena que eu demorei para perceber isso.

Por que esses héteros vêm aqui? Porque aqui eles conseguem saciar um lado deles que está em crise. Eles querem uma coisa também que não vão ter lá fora. Aí eles vêm aqui.

(Falas de três interlocutores clientes diferentes).

Veremos mais à frente que na verdade a “crise” é o que movimenta a masculinidade, que a permite se perpetuar,. Como mecanismo, ela vai se adaptando e abarcando mais e mais sujeitos, aceitando suas influências ao mesmo tempo

que os enreda nas suas obrigações básicas: demonstrações de enquadramento no padrão, “cuidado de si” ou “controle de si”, novas delimitações de parâmetros de negação e comparação entre os novos machos e os não machos e outras especificidades do se fazer “homem” em nossa sociedade.

Ainda sobre esse período da “revolução sexual”, observa-se que ao tirar dos sujeitos certa obrigação de copular para fecundar, esse momento também libera os homens para transar buscando apenas o prazer. O que sempre foram os “crimes contra a natureza”, a “sodomia”, se não a transgressão de exercer uma atividade sexual que buscasse apenas o prazer? Não é por acaso que é nessa década que eclode o então movimento de liberação gay.

Os homens, uma vez livres da obrigação procriativa, podiam, com maior liberdade ou sob restrições, exercer suas atividades sexuais com outros homens. Esse princípio da liberdade masculina e do seu direito ao prazer esteve presente em momentos marcantes da luta política de homens gays e de toda comunidade LGBTQIA+ pelos seus direitos. Uma vez ratificado pelo conhecimento científico, penetrará no tecido social servindo de apoio para que sujeitos se emancipem e gradativamente famílias passem a acolher seus filhos e filhas homossexuais, mudando assim a própria estrutura familiar (Heilborn, 2004) (assim como outras instituições como escolas e o mercado de trabalho

e de consumo). Um fenômeno que, como todos os demais, não se dá de modo linear e contínuo no tempo, mas com constância suficiente para que seus efeitos sejam sentidos.

“A formação da identidade de gênero é um exemplo de produção no domínio do sistema sexual. E um sistema de sexo/gênero envolve mais do que as ‘relações de procriação’, mais do que a reprodução em um sentido biológico” (Rubin, 2017a, p. 19).

Ainda sobre a mudança da visão do papel da conjugalidade, observamos, mais recentemente, o impacto imenso que a conquista do casamento civil igualitário tem de realinhar o lugar do “papel do gênero” na sociedade, influenciando até mesmo a divisão sexual do trabalho (ou a divisão dos papéis de gênero do trabalho), repaginando as normas e regras de parentesco.

O sujeito homossexual está inserido na sociedade, mas fora da relação de expectativas comuns originais da divisão sexual do trabalho. Uma vez fora dessa lógica, seu processo de valorização enquanto sujeito está, sobretudo, na sua condição de homem e não de homem heterossexual⁴. Por

4 Temos mais uma vez que a sexualidade e os gêneros se aglutinam para permitir a consolidação desse fenômeno. A sexualidade seria, para usar um exemplo pitoresco, os pericarpos que unem os gomos da tangerina, aqui, tais gomos sendo os elementos que constroem a identidade masculina. O pericarpo está atrelado ao gomo, mas logicamente pode ser dele desvincilhado.

isso, compreendemos que no mundo ocidental, os países e as regiões que mais concedem direitos aos homossexuais são aqueles que naturalizam a homossexualidade dos seus cidadãos ao ponto de que ela deixa de ser uma questão – deixa de ser um dado relevante sobre ele. Quando isto ocorre, a sexualidade de todos perde sua relevância para uma série de relações sociais, incluindo o direito ao casamento.

Nessa lógica, a conquista do casamento civil pelos homossexuais é um passo não somente importante para estes, mas para toda a sociedade, uma vez que o casamento está, em parte, no centro da organização social em famílias. Acontece, portanto, uma mudança simbólica em toda a sua estrutura. Paralelamente a esse fenômeno, outro se dá: o sujeito ocupa seu lugar de prestígio social por aquilo que ele oferece a sociedade e não tão somente por ser heterossexual. A heterossexualidade deixa então de ser paradigma primário para o desenvolvimento do homem. A masculinidade, por outro lado, torna-se uma poderosa régua de avaliação da *performance* social desse homem. Porém, esta também se transforma ao inserir os homossexuais no seu escopo. Como aconteceu com esse dispositivo desde o seu surgimento, a masculinidade modifica-se na medida que se amplia e se estabelece em mais corpos do gênero masculino. Frisa-se que estamos abordando sobre gênero, uma vez que tal fenômeno também é presenciado por nós em homens transsexuais que frequentam os espaços pesquisados.

Assim chegamos ao nosso quarto viés. Daqui desenvolvemos mais alguns questionamentos dessa “temporalização” da “crise”. Já iniciamos a relativização da ideia de que ela (a “crise”) estaria ancorada numa desestabilização do modelo heterossexual de vida, assim como a ideia de que a crise da masculinidade é um produto do nosso tempo. Algo que veio com a modernidade, acelerada (como falamos) com a Revolução Industrial, pela revolução contraceptiva e a dita “emancipação feminina” (Bozon, 2004).

A mudança nos perfis de masculinidade e de sexualidade e suas ancoragens tiveram diferentes acepções. Inegavelmente as mudanças nas relações conjugais, ligadas à emancipação da mulher e às chamadas “revoluções sexuais” ou “revoluções contraceptivas” (Bozon, 2004) sustentam essa perspectiva. Contudo, gostaríamos de pontuar que, ainda que a “crise da masculinidade” tivesse se originado ou se tornado mais aguda na modernidade, outro fator foi fundamental para que ela supostamente tenha se tornado mais dramática: a ampliação dos espaços dos homens *gays* na sociedade; e a redistribuição dos poderes que a masculinidade, agora vista como um dispositivo, que permite a distribuição dos poderes entre homens, abarcou os homossexuais e fez deles sua morada também. A masculinidade, enquanto uma organização do gênero/sexo masculino, organiza os homens e “organizar traz poder” (Rubin, 2017a, p. 26).

Assim passamos a ter diversos homens homossexuais em cargos/postos de poder e controle. Passam a serem exemplos, guias, orientadores e parâmetros de comportamento e sucesso para héteros e homossexuais. Butler (2003a) afirma que os padrões de gênero são ancorados numa “matriz heterossexual”, que impõe uma espécie de “heteronorma”. Segundo Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007), sintetizam um conjunto de normas prescritas, explícitas ou não, norteadoras do tecido social. Seria também um conjunto de instituições, estruturas de orientação e compreensão prática que se apoiam na heterossexualidade.

Essa perspectiva de associação da “masculinidade” e da “virilidade”, a heterossexualidade também tem suas bases numa linha do pensamento feminista que busca soluções para correções dos comportamentos opressores dos homens. É uma das abordagens mais enérgicas, muitas vezes, justificadas sob o pretexto de apaziguar os homens e retirar deles os traços culturais que se consideram socialmente disfuncionais.

Marco Julián Martínez expõe como essa abordagem se manifesta a partir do avanço estatal sobre a vida dos sujeitos por meio de tentativas de intervenção que busquem uma igualdade de direitos entre homens e mulheres, uma desconstrução do que na Colômbia pode ser entendido como machismo:

Com a problematização do presente no encontro entre projeto igualitário e posições de pessoas nas relações de reciprocidade, instaurava-se um sentido de incerteza na definição de si para pensar futuras relações — um sentimento de não-lugar, de desconhecimento do que sempre foram estes homens. Tanto para gestores da perspectiva de gênero quanto para homens adultos alvo das pesquisas e dos projetos de intervenção (Martínez, 2016, p. 49).

Martínez continua:

O uso das categorias de cultura, gênero e igualdade conjuga três tempos e constrói a masculinidade como uma problemática social a analisar e intervir, em oposição moral à ideia de cidadão, à simetria e à relação indivíduo-sociedade (Martínez, 2016, p. 51).

Nossa perspectiva é que ao termos os homossexuais abarcados pelo dispositivo da masculinidade, este, enquanto expressão de gênero, não pode mais ser de todo compreendida como uma simples expressão do aqui chamado “gênero masculino”, oriundo dos heterossexuais. Pensar dessa forma é considerar que todos os homossexuais masculinos estão de algum modo num movimento de “fingimento” ou “mimesis”, em que emulam o comportamento másculo e viril que, na verdade, pertence aos heterossexuais.

Sintetizando, vemos essa presunção como problemática, pois, para fazer sentido, teríamos que partir do princípio de que primeiros vieram ao mundo os heterossexuais, e que

depois que eles estruturam seu modo de ser e viver com a divisão sexual do trabalho e as normas de parentesco, só aí, teriam surgido os homossexuais como “desviantes” dessas normas. A ideia de que existem homossexuais mais genuínos e originais do que outros, também nos parece um tanto quanto problemática.

No bar, todos performam de modo muito semelhante. Mesmo os que estão longe do que chamo de linha de parâmetro da masculinidade (os afeminados, as bichas etc.) se comportam dentro do que é esperado deles. Noto que por isso cria-se uma impressão de que esses locais estão cheios de homens heteros enrustidos. Trata-se na verdade de uma *performance* coletiva. Uma pantomima da masculinidade. Os gestos, a voz grossa, os apoios nos ombros nas paredes, o coçar o saco, o apertar o outro, o se mostrar viril mesmo informando ser passivo é o elemento comportamento comum. O mesmo visto por outros pesquisadores em outros espaços de pegação. [Adaptação de uma anotação do caderno de campo].

Fazendo referência a Butler (2003a), Camilo Braz, em 2006, propunha o seguinte posicionamento teórico:

A valorização de estereótipos associados à masculinidade em estabelecimentos “gays” para sexo permitia, por um lado, pensar em rearticulações ou deslocamentos de convenções relativas a sexo, gênero, desejo e práticas sexuais que compõem a matriz heteronormativa (Braz, 2006, p. 29).

É exatamente por estar inserido num local que tem o sexo como elemento central de praticamente todas as relações que me outorgo a possibilidade de, muito mais do que um questionamento desconstrutor, questionar a própria ideia de heteronormatividade e uma certa imposição a uma inescapável submissão a uma ideia de uma “heterossexualidade primordial”, na qual a homossexualidade seria como algo que veio depois, subjugado por ela.

Como ainda pensar as masculinidades dentro dessa prerrogativa (de ser vassala de uma heteronorma), se houve deslocamentos nas instituições, nos símbolos do “Cuidado de Si” (Foucault, 2010), nos homens de poder e, portanto, nas estruturas de compreensão e orientação prática?

Hoje em dia você vai a um show do Jão, lotado. Com telão. PopStar. Antigamente um cantor *gay* como Ney Matogrosso era visto como transgressivo, exótico. Tudo mudou. Têm vários cantores e atores *gay* aí fazendo sucesso e ninguém liga se eles estão transando com homens.
(Fala um interlocutor cliente de 32 anos, gerente sênior de TI, com as unhas pintadas de preto).

Os cantores *gays* aparecem como fortes exemplos de homens admirados por vários outros tipos de homens:

Eu fiquei sabendo esses dias que o Silva era *gay*. Eu pensei, gente, nunca que eu ia dizer.

Aquele cantor [falando do Lil Nas X] é um dos maiores sucessos no mundo, beijando homem, se esfregando em homem. Olha para gente. A gente tá aqui hoje na maior putaria e ninguém está nem aí para gente.

Agora tem até sertanejo *gay*, funk *gay*. Mudou muito. Depois que os *gays* puderam se casar então, eu sinto que mudou muito. O Pedro Sampaio, por exemplo, com Lulu Santos, lançaram aquela música que estava até tocando aqui agora pouco. Todo mundo dança, se diverte. Ninguém está nem aí se eles são *gays*. No meu trabalho eu sou *gay* assumido e ninguém está nem aí.

(Falas de três interlocutores clientes).

O tema das masculinidades ganhou bastante destaque a partir da publicação de “Masculinities”, de Raewyn Connell (2005). Nele, a autora desenvolve o conceito de “masculinidade hegemônica”, trabalhando com a perspectiva “de gênero relacional” para se pensar as masculinidades. Apesar do reconhecimento tanto da existência de masculinidades (no plural), quanto da relação entre o gênero e outros marcadores de diferença (raça, classe, etnicidade) na sua constituição, o conceito de masculinidade hegemônica buscava apontar a existência, em todas as sociedades nas quais existe o que chama de “sistema de gênero” (Scott, 2017), de um modelo socialmente dominante acerca da masculinidade, contra o qual era possível entrever a insurgência de “masculinidades periféricas”.

Miguel Vale de Almeida faz uma importante relativização nesse sentido, quando afirma que as assimetrias são elementos que estruturam as próprias masculinidades.

[...] a própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos “masculino”), em que se detectam modelos hegemônicos e variantes subordinadas. [...] Isto só pode significar duas coisas: que a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado (Almeida, 1996, p. 163).

Foucault (já aqui citado) usa a Grécia Antiga para formular sua acepção de “Cuidado de Si” (Foucault, 2010). Interessante que esse conceito foucaultiano tenha origem filosófica ancorada na Grécia Antiga, todo ele forjado a partir da relação entre os homens e todo processo de desenvolvimento de uma identidade masculina por parte dos citados. A ideia de “Cuidado de Si” pode ser transposta diretamente (devido às suas bases históricas e mesmo em seu valor conceitual), para uma perspectiva em que a “ação política”, da qual ela é instrumento, seja vista como uma ação política sobre o gênero. O controle dos movimentos, dos excessos, de tudo que possa desviar o homem do seu lugar de prestígio e de valor, pode ser observado diariamente na sociedade mais ampla. Um dos preços da masculinidade,

descreve DaMatta (1997), é a eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo.

É da Grécia também que Georges Vigarello (2013) retira seu referencial para afirmar que a masculinidade sempre esteve em crise. A crise é parte dela. Estar permanentemente em crise é o que permite a sua passagem geracional, a sua transmissão e como venho teorizando em outros trabalhos, aguardando a publicação, a transmissão de poderes, inclusive o de dominação.

Se a teoria básica da dominação masculina, que Vigarello (2013) tenta explicar em outros termos, diferentes de Bourdieu, mas com o mesmo resultado, entende que se estabelece a partir de uma visão hierarquizada entre os sexos feminino e masculino, dentro de formulações binárias, como esse poder de dominação que num primeiro olhar acredita-se ser negado aos homossexuais, mas na verdade também chega às suas mãos, e, é por eles exercido de algumas formas? Como esse poder que supostamente só pode existir dentro de uma perspectiva hierárquica heterossexual chega e é manifesto nos homens que não se relacionam com mulheres? Ora se não por meio da masculinidade?

A masculinidade, mais do que uma expressão de gênero, é o veículo disciplinador dos sujeitos e o modo de transmissão de poder via o reconhecimento do outro como “homem”, “ másculo”, “macho” também. Pode-se dizer

que esse poder não está com os homossexuais, que eles emulam o possuir nos *Cruising Bars* e que, na verdade, ao sair de lá, a subalternidade os aguarda. Esse é o desafio de fazer formulações sobre o poder masculino no século XXI, tomando como pressupostos o que se acreditava sobre as relações de gênero no Ocidente no século XX, ainda mais tendo a matriz heterossexual como parâmetro.

Eu não sou e nem me sinto nenhum pouco menos homem por vir aqui. Por transar etc.

Cara, eu sou um negão entendeu, macho para caralho. No meu trabalho, pessoal tem até medo de mim. Mas tipo eu não tenho problema nenhum em falar que eu sou passivo, entendeu? Eu gosto de dar e daí?

Eu conheço muito hétero que muito mais covarde que muito *gay*. Tem *gay* que é mais homem que muito hétero e tem *gay* que não.

(Falas de três interlocutores clientes).

Caminhando para as conclusões, se ainda formos pensar numa perspectiva de “crise”, como se essa fosse alheia à própria construção da masculinidade. Podemos focar o nosso olhar numa “crise do corpo”, uma “crise dos gestos”, numa retomada a já abordada ideia de “controle de si”.

O controle está presente na vigilância e correção de pequenos gestos e atos que os sujeitos reproduzem para estarem ou não enquadrados em categorias como “machos”,

“másculos”, “desejáveis”, “comíveis”, “pegáveis”, entre outros. Esse controle de gestos se insere na “pantomima da masculinidade” (Silva Junior, 2014).

Não cruze as pernas! Não chore! Não fale fino! Não mexa muito as mãos! Seja firme e reto! Estufe o peito! Seja educado! São algumas das frases que são ouvidas por um sujeito do sexo masculino em certas etapas de sua vida. Normalmente na infância essas frases servirão para traçar na cabeça do jovem rapaz os paradigmas de qual é o comportamento esperado de um futuro homem. Muitas vezes, podemos ter a impressão da encenação de uma pantomima na qual alguns gestos, respirações, roupas vão contribuir para a criação de uma atmosfera cênica (Silva Junior, 2014, p. 52).

Quando falamos das representações aceitáveis de masculinidade e de quais são passíveis de controle, essas ações pantomímicas, de pequenos, porém simbólicos gestos, também estão presentes em todos os espaços de pegação e interação sexual entre homens: “apertar o pau”, esbarrar, olhar dentro dos olhos, tirar a mão de um interessado, mas sob quem não se tem atração, ficar de “pau duro” para ser recolhido logo como ativo etc. Esses elementos constituem o que estructurei teoricamente como “*Ethos da pegação*”. Um saber coletivamente compartilhado que permite a perpetuação da “pegação” ao longo do tempo. Esse *Ethos* está diretamente ancorado no *habitus* (Bourdieu, 2007),

tendo a expressão da masculinidade como seu objetivo e como linguagem de interpretação das intenções do outro, e como parte dos “roteiros sexuais” (Gagnon, 2006), apresentados tanto nos *Cruising Bars* como nas dinâmicas de “pegação” mais variadas. Os atos corporais são controlados na “caça” de modo a sempre se expressarem de maneira viril (Braz, 2010).

Entendemos que a masculinidade é socializada num sistema similar ao que Marcel Mauss (2003) descreve como “imitação prestigiosa”, enquadrando-se em códigos e significados consolidados coletivamente. Constitui-se, assim, a matriz do que chamamos de *habitus*. É por meio da observação das virilidades dos que estavam ali antes, que os novos aprendem a encenar as suas próprias. Assim, os sujeitos aprendem aquilo que Braz (2010) vai denominar como categoria êmica: “fazer a linha”.

Propomos que tal fenômeno atravessa sujeitos de todas as orientações sexuais. Nos espaços de “pegação sexual”, muito do que é considerado másculo é valorado também pelo homem heterossexual, “[...] falando aqui de algo que seria da ordem de uma masculinidade compartilhada, ultrapassando as orientações sexuais” (Barreto, 2016. p. 24).

Voltando ao modelo grego, analisamos algo semelhante para não dizer o mesmo fenômeno. O da masculinidade como dispositivo de transmissão e o “Cuidado de Si”, como

essencial para a valoração do homem grego ideal. Vigarello (2013) chama atenção para o caráter de mutabilidade dela.

Tal como na corte das monarquias europeias, havia uma clara definição em relação às mudanças da virilidade do cavaleiro da guerra, do homem da corte, passando pelo cortesão (Vigarello, 2013). Na Grécia Antiga diversos tipos de masculinidade conviviam em paralelo, havendo momentos de tensão entre eles. Tanto na Grécia, quanto no período Vitoriano, a masculinidade foi vista como em estado de crise.

Em sua complexa organização, na Grécia Antiga, conviviam diferentes modelos de masculinidade, havendo momentos nos quais, cada um a sua maneira, acusava o outro de ser menos másculo. Sartre (2013) nos relata que o homem de Esparta não era o mesmo homem encontrado nas outras aldeias gregas. A educação espartana valoriza a repetição indefinida dos mesmos modelos de padrões de virilidade (Sartre, 2013, p 27). Esses padrões se contrastavam com os padrões de virilidade de outros agrupamentos masculinos gregos.

Os pensadores, políticos e nobres da Ágora acusavam os espartanos de serem menos homens por serem excessivamente bárbaros. Os espartanos acusavam diversos outros grupos de homens de terem perdido o referencial da importância da força, contudo, ambos se complementavam,

quando pensamos na perspectiva de uma defesa da “união grega”, algo que será fundamental para a construção das Cidades-estados e a ideia de nação no futuro.

Os modos de socialização das crianças e dos jovens espartanos eram motivos de choque entre outros gregos, contudo os soldados de Esparta eram uma força fundamental para o expansionismo grego. Tal como os soldados da corte para o rei, ou hoje as truculências policiais como instrumento de controle do Estado sobre alguns corpos, sobretudo os negros e pobres.

Tal como na corte, na Grécia ou em nossos dias, o homem agressivo não é o homem que faz as leis. Mas é seu instrumento de execução, não muitas das vezes parcial e amoral.

Assim notamos que diferentemente de afirmar que se trata uma “crise moderna”, notamos que desde a Antiguidade, “[...] força e dominação existem segundo referências contrastadas [...]” (Vigarello, 2013, p. 15).

Judith Butler (2003a) acredita estar questionando o referencial ontológico da masculinidade, mas este sempre esteve sob questionamento. Podemos hoje propor que a masculinidade se ancore numa representação dela mesma, que pode ser “performatizada” por uma infinidade de sujeitos. Os estudos de Corbin, Courtine e Vigarello (2013) deixam claro que a única ancoragem inquestionável e

inicial da masculinidade foi sua gênese no sexo biológico masculino. O dispositivo da masculinidade foi criado a partir da sedimentação das diversas demandas, que foram surgindo para os homens, desde os tempos sem registro histórico (Vigarello, 2013).

O compêndio de três volumes de Corbin, Courtine e Vigarello, denominado: “História da Virilidade” é obra fundamental para compreendermos que muito do que consideramos como referencial histórico de mudança na masculinidade, deu-se na verdade de forma cíclica, copiando fenômenos iguais de outrora. Novas proposições de ser “homem” dos nossos dias não revolucionam a masculinidade no sentido de um ineditismo, de uma “nova proposta”, apenas são novas manifestações da ação de se “fazer novas propostas”. Esta ação é intrínseca da masculinidade desde tempos imemoriais. Com o seu surgimento, ela sempre se propõe como algo novo, que se inova e renova.

Muito se fala da homossexualidade na Grécia Antiga, mas apresentamos a contribuição de Michael Foucault, um homem assumidamente homossexual. Sua leitura de um fenômeno grego, aqui transposto por outro homem gay para uma compreensão ainda mais direcionada sobre o gênero. O próprio intercruzamento nesse fazer intelectual é contribuição da homossexualidade para uma maior acepção do que é ser “homem”. Os possíveis homossexuais

gregos, lidos por um homossexual francês e relido por um homossexual brasileiro, todos contribuem para uma ampliação da compressão de um cem número de homens.

Assim, tratar da construção da masculinidade a partir da homossexualidade é o que me proponho. Retirar o referencial antológico da masculinidade como oriunda dos processos sociais dos homens héteros e entender em que momento e em que medida o homem não hétero passa a ter sua própria linha referencial de masculinidade. Essa embrenhada de muitos outros fatores que a heterossexual: “ativo x passivo”; “machos x bichas”; o desejo; gestual pantomímico; a “pegação”; o modo de coito, entre outros elementos singulares da construção da masculinidade do homem *gay*, dos homens não héteros.

‘A gente deseja o masculino’

‘É uma confusão, você não sabe se a pessoa tá comendo, se tá dando, uma hora fala que ativo na outra que é versátil. Como é que é? Fluido, tem isso agora, inventaram isso agora.’

‘O *gay* quer o masculino, ele deseja o masculino, mas ele também quer ser livre da opressão do comportamento do masculino.’

‘Dizer que ativo e passivo não importa é mentira.’

(Falas de interlocutores clientes).

As conversas das quais essas citações são provenientes, são as bases nas quais eu ancorei muito do que foi falado aqui, ajudando a compreender as questões rememoradas acima, nas elucubrações.

3. Conclusões: as “crises” são adaptações às mudanças

Entende-se que, nos últimos 10 anos, o mundo passou por uma profunda transformação no modo como a homossexualidade e suas expressões são aceitas, assimiladas e interpretadas pela sociedade. No Brasil, com as conquistas em termos de direitos individuais, coletivos e difusos, como o casamento civil igualitário, em 2013, e a criminalização da homofobia, em 2019, fazem o Brasil então a passar a tentar concretizar de fato as expectativas de Carrara e Simões (2007, p. 71), sobre a consolidação de um modelo igualitário amplo, que consideravam como uma de suas singularidades. O Brasil faria assim fundamentalmente parte de um processo mais amplo pelo qual passavam e passam diferentes países no eixo Ocidental. Num resgate dos primórdios dessa ideia com o trabalho de Peter Fry, a emergência do modelo igualitário estaria, segundo o autor, relacionada “com toda uma transformação social das classes médias e altas das grandes metrópoles do país, se não com a própria constituição dessas classes” (Fry,

1982 *apud* Carrara; Simões, 2007 p. 71). Assim, para Peter Fry, tal modelo seria um elemento importante na própria construção cultural da identidade de tais classes.

Soma-se a isso, as atualizadas representações dos homens *gays* nos grandes canais de comunicação de massa, somado à revolução que as redes sociais e a internet proporcionaram nos modos de autoidentificação identitária, bem como de sua comunicação com o mundo.

Doravante, a sexualidade aparece como uma experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito, em um domínio que se desenvolveu e assumiu um peso considerável no decorrer dos séculos: a esfera da intimidade e da afetividade. O repertório sexual se ampliou, as normas e as trajetórias da vida sexual se diversificaram, os saberes e as encenações da sexualidade se multiplicaram. A expressão “revolução sexual”, muitas vezes empregada para designar o conjunto dessas mudanças, provavelmente está inadequada para dar conta da emergência de uma nova experiência pessoal de si mesmo e de novas relações interpessoais, que muito devem a outras transformações sociais (Bozon, 2004, p. 43).

No Brasil, tais transformações, relativamente recentes, ao nosso olhar, nos colocaram diante de um impasse em relação à bibliografia revisada. Em muitos casos a abordagem das relações sexuais entre homens são elaboradas a partir de uma perspectiva “infame”, de forma que

são frequentemente ressaltadas questões como “perigo”, “doença”, “clandestinidade”, “indesejável”, entre outros atributos da ordem do negativo, amoral e às margens de uma sociedade dominada pelo “regime heterossexual” e “patriarcal”. Muitos dos trabalhos revisados ainda colocam o ecossistema que existe em torno da homossexualidade em uma perspectiva que toma como ponto de vista de valor, ou de certo e errado, a perspectiva heterossexual sobre a homossexualidade; desta forma, esses elementos que a cercam muitas vezes são anunciados como revolucionários, transgressores e outros atributos, mas sempre partindo do princípio que a sexualidade homoerótica está à margem das normas e fora dos limites da sexualidade parametrial.

Mesmo em trabalhos clássicos e referências inegavelmente há pontos de vista teóricos datados: Giddens (1993), por exemplo, sustenta que é nas relações entre indivíduos do mesmo sexo que um amor confluyente se realiza. Segundo ele, por isso estes indivíduos são colocados à margem do projeto de casamento como desejo familiar de reprodução social e humana. Como sustentar essa perspectiva vendo casais homoafetivos se casando em cerimônias pomposas, e outros tantos tendo filhos biológicos no século XXI?

Fica em aberto a questão se ainda é relevante aplicar os importante conceitos de Gayle Rubin e seus importantes textos, mesmo quando a autora afirma que “geralmente

quanto mais importante e mais bem pago for o trabalho, menos a sociedade tolera um “desvio” erótico explícito (Rubin, 2017b, p 102). Uma atualização desse ponto de vista é mais do que necessária uma vez que em 2024, aos 34 anos, Gabriel Attal torna-se o mais jovem primeiro-ministro da França e o primeiro abertamente *gay*, assim como Tim Cook, o CEO de uma das mais poderosas organizações empresariais do mundo. Artistas *gays* ganham prêmios como Óscar e Globo de Ouro.

Deve haver uma demarcada linha distintiva de perspectiva que separe a produção intelectual do século passado da deste século, no que tange à homossexualidade. Essa, quase sempre apresentada como sendo pertencentes a sujeitos sem direitos, num projeto de desejo reivindicatório que parecia nunca chegar.

Se o sistema pelo qual os elementos do mundo natural são transformados em objetos de consumo humano é popularmente chamado de “economia”, entendemos que a “economia do sexo” conjuga a manufatura de elementos naturais, físicos, biológicos e simbólicos para se chegar à satisfação do desejo sexual dos sujeitos. Satisfazer esse desejo também pode se inserir em um sistema de economia própria, atrelado à economia no seu sentido mais amplo e monetário. Contudo, como veremos, de forma alguma podemos resumir a relação dos nossos interlocutores com

os *Cruising Bars* como mera relação de prestação de serviços. Na história das homossexualidades a relação dos sujeitos com esses espaços é coisa própria, com um infinito cabedal de significados.

Neste trabalho, depois de certo tempo de pesquisa, tentamos escapar desse padrão de um “por vir” e colocamos a sexualidade de homens que transam com homens como algo que já está dado. Com avanços e refluxos ela já está posta na ordem do dia, nas conversas e nas práticas; ela já é parte visível da sociedade e não mais habita o lugar da clandestinidade e do segredo; já ousa, há um bom tempo, dizer seu nome.

Falam de uma suposta crise da masculinidade ou de uma reconfiguração dos padrões de masculinidade, sob a perspectiva de que essa crise se daria primordialmente em função do desconforto masculino face às conquistas das mulheres no mundo contemporâneo. Mirian Pilar Grossi coloca tal crise nos termos de ser estrutural do indivíduo moderno. “Assim como o feminismo trouxe uma crise na vida das mulheres, trouxe na vida dos homens. A categoria ‘processo de mudança’ me parece mais adequada para pensar o momento pelo qual estão passando homens e mulheres em suas relações e constituições de processos identitários” (Grossi, 2004). Tais análises se desenvolvem sem levar em conta em que medida isso também só é possível graças a inserção dos homossexuais dentro do universo dos homens com prestígio.

A homossexualidade, nessa perspectiva é sempre apresentada como uma referência de negação. Negar a homossexualidade seria uma das características da construção da masculinidade dos sujeitos héteros. De fato os relatos etnográficos, entre homens heterossexuais, e suas repercussões, apresentam esses dados como em DaMatta (1997), Souza (2003), ou mesmo em Bourdieu (2007). Como bem falamos, muitos desses estudos são de quinze a vinte anos ou mais. Em um mundo tão dinâmico como o nosso, tudo muda e mudou mais rapidamente do que nossos dedos podem digitar na produção de trabalhos científicos.

Mesmo ao defender a hipótese de que ser homossexual é um marcador estrutural que fará com que o sujeito tenha uma masculinidade própria dos homossexuais, não significa em nenhum momento, que os elementos básicos que estruturam a masculinidade comum ou mesmo sua expressão mais aprofundada como o *habitus* não possam ser percebidos nos sujeitos, tão somente porque penetram ou são penetrados por outros homens (aqui reduzindo a homossexualidade ao ato sexual).

Ao invés disso, analiso como que os modos de ser “homens” dos homens *gays* dialogam e influenciam os modos de ser homem dos outros homens, como os heterossexuais, e como esse diálogo se dá exatamente de maneira cada vez mais eficiente por meio da redistribuição do poder masculino, agora cada vez mais nas mãos dos outrora invertidos.

Michel Foucault questiona a naturalização de termos e expressões. Ele afirma que os desejos sexuais não são entidades biológicas pré-existentes, mas são constituídos no curso de práticas sociais específicas, determinadas historicamente (Foucault, 1988). O autor ressalta os aspectos geradores da organização social do sexo e não a abordagem que dá ênfase à repressão dele. Observa que há uma espécie de positividade nos dispositivos da sexualidade e que novas modalidades estão sempre sendo produzidas.

Trataremos, então, de compreender a necessidade de questionar esse referencial ontológico, que tem na heterossexualidade a ancoragem para a compreensão da masculinidade, aqui entendida como um universo, um sistema e um dispositivo. Devemos ter a coragem de ver essa falha nos mestres que nos referenciam. Mas até mesmo esse questionamento ontológico que deve ser feito, será feito de um fenômeno que já pode ter acontecido. Propomos que os “núcleos duros” que ancoravam os ideais arquétipos de masculinidade e virilidade sofreram um deslocamento: o papel de fecundador; o poder de exigir uma exclusividade sexual; e ter a homossexualidade como um parâmetro negativo, a qual se deveria negar para ser percebido enquanto homem.

Nos lugares de pegação entre homens, com o devido olhar, essa percepção pode achar suas justificativas. A profusão de homens que frequentam esses lugares, a fofoca

como meio de distribuição de informação sobre seus frequentadores, e a história dessas relações sexuais perpassada oralmente sujeito a sujeito, não deixa dúvida do quanto homens tidos como heterossexuais trafegam por esses espaços, bem como os homens bissexuais. Dessa forma, a sexualidade não heterossexual está, seja pela via do sexo, seja por um programa de TV, dialogando e influenciando os modos de pensar e agir dos homens em geral; somado a isso, existe a coerção das leis que protegem as minorias e as que equiparam o prestígio que anteriormente era exclusivo dos sujeitos heterossexuais e agora também é compartilhado pelos homossexuais em níveis simbólicos iguais.

Como já dito, Giddens (1993) sustenta que era nas relações homoeróticas que o amor confluyente se realizaria de forma mais pura e acabada. Isto porque estes indivíduos estariam, ou estavam, ou estão, à margem do projeto de casamento como projeto familiar e de reprodução social/humana. Ora, como podemos ainda concordar com esse mestre, na medida que qualquer casal homoafetivo pode hoje ir em um cartório e em menos de 20 dias sair de lá devidamente casados e reconhecidos pelo Estado? O quanto isso afeta um homem que legitimava seu casamento infeliz com uma mulher a quem não amava, sendo que se viam obrigados a se manterem unidos por diferentes motivos?

Eu malho por que eu gosto. Gosto de ficar com o corpo atraente. Em dia. Não quero parecer uma bichinha magrinha, sem graça.

Hoje em dia com essa coisa do *gay* ‘barbie’, que é o *gay* musculoso e tal, você não sabe mais quem é *gay* e quem não é. Acho até que a testosterona, a bomba, faz os caras quererem dar.

Eu malho para parecer homem mesmo. Malho para mim. Mas também malho para mostrar por outros que aqui não tem nenhum moleque não. Tem um homem. (Fala de três interlocutores: as duas primeiras de clientes e a última de um proprietário).

Tais interlocutores estão construindo “montanhas de músculos”, imagens que outrora eram personificadas em sujeitos extremamente viris como Arnold Schwarzenegger.

Novos arranjos de ser “macho” e “homem” é o que propomos estar acontecendo nesse momento diante dos nossos olhos. A própria existência dos *Cruising Bars* significa uma mudança significativa no modo como a sociedade mais ampla tem assimilado não apenas a homossexualidade em si, mas vários aspectos das suas vivências, incluindo suas práticas sexuais. Interessante o papel pioneiro que nossa pesquisa apresenta ao pesquisar esses espaços, uma vez que estão tão fortemente inseridos no circuito do mercado *gay* há mais de nove anos, segundo nossos levantamentos, no entanto praticamente são inexistentes na bibliografia revisada.

O simples fato de existir uma publicidade dos *Cruising Bars*, de alcance popular e que virtualmente pode ser acessada por qualquer pessoa, já é por si só disruptivo, da maneira como o sexo *gay* vinha sendo tratado até o século passado.

Sendo as formas de diferenciação múltiplas e simultâneas, o desafio para os/as antropólogos/as é o de encontrar meios de teorizar as intersecções entre essas diferenças, cuja relevância nos processos sociais dependerá do momento histórico-social a que nos estejamos referindo (Braz, 2010, p. 28).

Essas mudanças representam uma ampliação da aceitabilidade dos homossexuais e sua sexualidade. Isso é algo bem diferente de afirmar que houve uma mudança total ou radical em suas práticas sexuais.

Como força desse diálogo interativo, no qual o sujeito heterossexual passa até a considerar o sujeito homossexual um modelo, passível de ser seu representante político, por exemplo. Para ilustrar isso, podemos considerar Eduardo Leite: um governador de Estado assumidamente *gay*, em seu segundo mandato, eleito com mais de três milhões e seiscentos mil votos.

É de homem a homem que os sistemas de significação masculina são compostos, fato observável diariamente

nos *Cruising Bars*. Assim, faz-se necessário discutir de maneira mais trabalhosa qual lugar os homens que se identificam como homossexuais – ou que fazem sexo com homens – ocupam nessa estratificação no século XXI. Não é possível mais serem resumidos a meras vítimas de um sistema heteropatriarcal que os domina, oprime e reproduz neles seu controle unicamente opressor. É preciso reconhecer a agência desses sujeitos de poder e sua desestabilização do *status quo*.

4. Finalizando mesmo

A leitura deste trabalho pode dar a entender que em algum momento dizemos que a masculinidade, em seu sentido amplo, é a mesma para homens héteros e homossexuais; mas trata-se de ambos estarem sob o mesmo “universo de masculinidade”. A masculinidade é entendida por nós como um “universo”, como “entidade social”, que ganhou estrutura a partir da união de diversos elementos, fazendo parte da estrutura maior da sociedade. A masculinidade é um mecanismo de compactação de características dos sujeitos no processo de incorporação (Almeida, 1996) e, principalmente, como dispositivo de distribuição de poderes exclusivo aos homens, permitindo, assim, sua dominação. Esse dispositivo, em dado momento, passou a abarcar os homossexuais ao invés de excluí-los, sendo estes, portanto, instrumentos de aumento do seu domínio, alcance e poder.

A masculinidade é uma expressão do gênero. Seja qual for a perspectiva adotada para o entendimento do que é gênero, a masculinidade é uma das formas de sua expressão. Seja como dispositivo, seja como expressão, ela se manifestará de forma semelhante entre héteros e homos⁵, mas não de maneira inequivocamente igual. Uma vez que nos homossexuais a masculinidade também é instrumento para conquista de parceiros sexuais, tornando-se parte estruturante do “*Ethos da pegação*”. É fator relevante numa relação enamorada com o desejo: o sujeito é desejado por ser másculo e é másculo para despertar desejos, sendo a deseabilidade do outro validador se sua masculinidade está em conformidade ou não, se está “indo bem” ou não.

Assim, embora intentamos, no fim deste empreendimento de pesquisa mais ampla, desenvolver uma teoria sobre a “pegação”, também pretendemos contribuir para uma teoria do gênero (masculino), aqui entendido como uma construção social (o homem) sobre a performatividade dos corpos dos homens, mas não necessariamente numa relação mimética como a heterossexualidade. Gênero aqui é, sobretudo: *performance*, um “fazer gênero”, ou mesmo um sistema de gênero (Scott, 2017). Assim nosso entendimento

5 Um debate mais aprofundado sobre os estranhamentos entre o gênero masculino e as diversas possibilidades de exercício da sexualidade é necessário ser feito. Pretendo publicar essa “continuidade” nesta mesma Revista, passado o período obrigatório de intervalo entre as publicações.

do que é gênero é uma união difusa da ideia de *performance* de Butler (2019) com a busca por dissociação entre sexo biológico e gênero trazida por Rubin (2017a; 2017b) e mesmo o gênero entendido como sistema tal como propõe Badinter (1993), uma vez que na “pegação” a masculinidade é elemento que se apresenta como estruturante para a construção de “valores” (Picanço, Araújo, Covre-Sussai, 2021) dos sujeitos. Dessa maneira gênero é também um valor, tal como trazido pelas autoras.

Propomos, portanto, elementos de uma teoria que pode compor uma teoria geral sobre o sexo, sobretudo o sexo *gay*. Esperamos assim contribuir para ampliação dessa segunda, e servir como possível ponto de partida para essa terceira, certos de que já conseguimos sistematizar bem a primeira.

O sexo entre homens é sempre diferente do sexo entre um homem e uma mulher. Voltemos, com Carrara e Simões (2007) fazem um resgate sobre as condições sociais que tornaram possível pensar a “homossexualidade” como uma condição humana singular e o “homossexual” como uma categoria capaz de expressar um atributo identitário fundamental e uma conduta adequada correspondente. Ou seja, uma masculinidade enquanto dispositivo de distribuição de poder compartilhada em sua plena potência contemporânea. Mas enquanto expressão do gênero do indivíduo, será individualizada, e deve ser analisada na

perspectiva individual do sujeito único e singular, pois este indivíduo não compartilha com seu par heterossexual todos os elementos das suas sexualidades. A masculinidade, então, precisa ser entendida do ponto de vista coletiva, ampla do universo dos homens; neste caso, ela abarca os homossexuais, assim como precisa ser analisada tendo em conta as diferentes orientações sexuais.

O *habitus* impedirá que o sujeito fuja da linha, ou que a perca de norte, mesmo que se desvie dele. Mas o próprio *habitus* do sujeito homossexual é irmão univitelino do *habitus* do heterossexual, mas não são o mesmo. Ao meu ver, aí está a singularidade que permite ter um local como um *Cruising Bar* como *locus* poderosíssimo para os estudos do comportamento masculino, uma vez que, além de estarmos analisando uma masculinidade específica, até hegemônica, mas não unanime, também trabalhamos com a perspectiva que norma e periferia, centro e borda, homossexual e heterossexual dialogam freneticamente no século XXI.

Compreender as masculinidades alinhadas para os homossexuais também é compreender em boa medida esse homem heterossexual, que supostamente está em crise.

Trata-se, portanto, de levar a sério esses dispositivos e de inverter a direção da análise: ao invés de partir de uma repressão geralmente aceita é de uma ignorância avaliada de acordo com o que supomos saber, é necessário

considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder. É necessário segui-los nas suas condições de surgimento e de funcionamento e procurar de que maneira se formam. (Foucault, 1988, p. 83).

Este trabalho também pretendeu e, acredito que cumpriu com o prometido, em ilustrar como a homossexualidade pode ser muito mais do que um elemento a ser tratado de lado nos estudos. Pode ajudar a compreender fenômenos amplos e complexos que estão se dando sob os nossos olhos (nossa premissa é que sempre se deram sob os nossos olhos), que me parece ser a base da inquietação provocativa desse dossiê. Os *gays* têm muito a dizer sobre o que é ser “homem”.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7413304.pdf> Acesso em: 13 jan. 2024

BADINTER, Elisabeth. **XY: la identidad masculina**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1993.

BARRETO, Victor Hugo. **Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. 2016. Tese (Doutorado em antropologia social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 172.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **A meia-luz...: uma etnografia impropria sobre clubes de sexo masculinos**. 2010. 264 p, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2010.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21. p. 219-260, 2003b.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 65-99, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JHyY6zkPRdW4fp6wk9vtkhn/?format=pdf>. Acesso em: 31 dez. 2023.

CONNEL, Raewyn, PEARSE, Rebecca. **Gender in World Perspective**. 3 ed. Cambridge: Polity Press, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2ed. California: University of California Press, 2005.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade, Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dário (Org.) **Homens**. São Paulo: Senac, 1997.

DESSIMETRIA. In: **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (on-line). São Paulo: Michaelis, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/dessimetria> Acesso em: 15 out. 2024.

DRÉVILLON, Hervé. Do Gueiro Militar In: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade, Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 334-372.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In.: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F; CARRARA, S. (org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. [s. l.]: Garamond Universitária, 2004, p. 39-80.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de si e dos Outros**: Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GHANDOUR, Kassem Mahamad. **“Marujos a Bordo” – o desejo homoerótico, a estética camp e a moda de Gaultier**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma Revisão Teórica**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, Santa Catarina, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MARTÍNEZ, Marco Julián. “Ser macho neste país é coisa de macho”: a culturalização da masculinidade e sua relação assimétrica com a igualdade”. **Anuário Antropológico**, v. 41, n. 2, p. 33-56, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/1795#text>. Acesso em: 11 jan. 2024

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel (org.). **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. p. 399-422.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7 n. 2, p. 257-269, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30980/18069> Acesso: 31 jan. 2024.

PEREZ, Stanis. Louis XIV ou a virilidade absoluta? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade: 1. A invenção da virilidade, Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes. 2013. p. 293-333.

PICANÇO, Felícia; ARAÚJO, Clara Maria de Oliveira; COVRE-SUSSAI, Maira. Papéis de gênero e divisão das tarefas domésticas segundo gênero e cor no Brasil: outros olhares sobre as desigualdades.

Revista Brasileira de Estudos de População, [s. l.], v. 38, p. e 0177, 2021.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres. *In*: RUBIN, Gayle. (org.).

Políticas do Sexo. São Paulo: UBU Editora. 2017a. p. 9-62.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo. *In*: RUBIN, Gayle. (org.). **Políticas**

do Sexo. São Paulo: UBU Editora, 2017b. p. 63-128.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas *In*: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade: 1. A invenção da virilidade, Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17-70.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica.

Educação & Realidade, [s. l.], v. 20, n. 2, 2017.

SILVA JUNIOR, João. **Roteiros Sexuais; Histórias de referência; Orientações Íntimas: Uma análise de casos presentes no contexto da pegação viril**. (Comunicação oral) 34ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Julho de 2024a

SILVA JUNIOR, João. **Por que você vem ao Cruising Bar?**

(Comunicação oral). 13 Seminário Internacional “Fazendo Gênero. Instituto de Estudos de Gênero/Universidade Federal de São Carlos (UFSC). Florianópolis - SC. 2024b. Anais eletrônicos.

Disponível em: <https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOj7XCJJRF9BUlFVSVZPXCi6X-Ci1MDQ5XCj9IiwiaCI6IjM1NDhiMDQyNWwNDBkOWRkMjE0MT-k5ODllZmQ3MDdmIn0%3D>

SILVA JUNIOR, João. **Masculinidades dançadas**: uma etnografia com os cavalheiros do Baile do Meio-Dia do Centro Cultural Carioca. 2014. Dissertação (Mestrado em sociologia e antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SOARES, Marcelo Chaves. Pensando a consciência coletiva de homens gays: um ensaio para decolonizar o corpo negro. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, [s. l.], v. 8, n. 16, p. 77-90. 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11672>. Acesso em: 31 dez. 2023.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **A confraria da esquina**: O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

VIGARELLO, Georges. Introdução: A virilidade, da Antiguidade à modernidade. In: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade, Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-16.